

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

“Bazuca”

É assim que os advogados de Bolsonaro tratam a Aje — Ação de Investigação Judicial Eleitoral —, que o PDT apresentou contra o presidente-candidato em relação aos atos de 7 de Setembro. A aposta é a de que o caso só seja resolvido depois do pleito. E se Bolsonaro perder a eleição e, posteriormente, a Aje, pode ficar inelegível por oito anos.

A vingança é um prato...

... que se come frio. Para alguns petistas, a estratégia está clara: se Luiz Inácio Lula da Silva foi preso e, por isso, não pôde ser candidato em 2018, Bolsonaro não poderá ser candidato em 2026, se perder essa ação lá na frente.

O que une os partidos

Se tem algo que a maioria dos políticos concorda com Bolsonaro naquilo que se refere ao Supremo Tribunal Federal (STF) é nas críticas ao excesso de decisões monocráticas. É no sentido de coibir essas decisões que muitos querem agir no próximo ano.

Enquanto isso, no Parlamento...

Bolsonaro e o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), conversaram sobre a ausência do presidente à solenidade do Congresso, em homenagem ao Bicentenário. Bolsonaro meio que se desculpou pela ausência, mas foi claro: o 7 de Setembro foi na quarta-feira.

O terceiro turno

Já no finalzinho da entrevista ao *CB.Poder*, ontem, o presidente Jair Bolsonaro (PL) deu a senha para, se for o caso, reclamar do resultado. Ele disse, com todas as letras, que se depois do 7 de Setembro, com o que viu nas ruas — em Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e outras capitais —, “acho que está decidida a eleição no primeiro turno. Não tem explicação o outro lado ganhar”.

Em tempo: entre advogados eleitorais, ficou a desconfiança de que a frase indica um terceiro turno, em caso de um resultado desfavorável. E com gente na rua a favor do presidente. Afinal, a contar pelo que se viu de mobilização popular, Bolsonaro, ganhando ou perdendo, mostrou que lidera e que seus apoiadores atendem ao seu chamado.



CURTIDAS



Técnicos/ No intervalo da entrevista, o ministro da Justiça, Anderson Torres (foto), e a ex-ministra Flávia Arruda se aproximaram do presidente para passar os dados sobre segurança e apoio às mulheres.

Por falar em técnicos.../ A ordem na campanha de Bolsonaro é comparar o lucro das estatais e os ministros. A avaliação da equipe é a de que não há imagem mais forte do que um ministro da Fazenda delatando um presidente, tal como Antonio Palocci fez com Lula.

Homenagens à rainha I/ Na homenagem à rainha Elizabeth II, Lula tratou de mostrar a amplitude internacional de seu antigo governo, citando os acordos que promoveu. Foi ainda uma forma de rebater as acusações dos opositores de que só se relacionava bem com ditadores ou presidentes com viés de esquerda.

Homenagens à rainha II/ A presença de Bolsonaro nos funerais da rainha dependerá da agenda de viagens. Nesta reta final de campanha, o único compromisso fora do Brasil é a abertura da Assembleia Geral da ONU, no próximo dia 20.



Com o presidente Jair Bolsonaro ausente, sessão solene do Congresso em comemoração ao Bicentenário da Independência salienta a eficiência e lisura do sistema eleitoral, colocando-o como pilar do Estado de Direito no Brasil

Recados em defesa da democracia

» RAPHAEL FELICE

A sessão solene do Congresso em comemoração ao Bicentenário da Independência foi marcada pela ausência do presidente Jair Bolsonaro (PL) e pela defesa da democracia e do processo eleitoral brasileiro. Os discursos dos presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), do Supremo Tribunal Federal, Luiz Fux, e principalmente pelo presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), deixaram claro, mais uma vez, a confiança no sistema de votação, considerado pilar do Estado de Direito.

Pacheco fez uma defesa enfática da democracia e das eleições. Disse, ainda, que o voto “é a arma mais importante da democracia”.

“Daqui a menos de um mês, os brasileiros e brasileiras vão praticar exercício cívico de votar em seus representantes. O amplo direito de voto, a arma mais importante de uma democracia, não pode ser exercido com desrespeito em meio a discurso de ódio, com violência, intolerância em face de quem é diferente”, disse.

As declarações de Pacheco e das demais autoridades se sucedem às manifestações do 7 de Setembro, que foi utilizado por Bolsonaro para fazer campanha à reeleição. Depois da solenidade, o presidente do Senado comentou a mistura entre a data cívica e o evento eleitoral.

“Como estamos em um processo eleitoral, as manifestações se misturam. Essa separação precisa ser muito clara. Essa data não pertence a um grupo ou a um candidato, mas a todos os brasileiros”, disse.

Aliado de Bolsonaro, o presidente da Câmara dos Deputados,

Arthur Lira (PP-AL) aproveitou a solenidade para destacar a importância do voto e das eleições para o fortalecimento da democracia brasileira.

“O Bicentenário da Independência brasileira coincide com o ano de eleições presidenciais e de eleições legislativas federais, distrital e estaduais. Destaco, portanto, a chance de os cidadãos brasileiros, por meio do seu voto consciente, fortalecerem nossa democracia e este Parlamento, de modo que ele continue a exercer a importante tarefa de acolher diferentes aspirações e transformá-las em balizas coletivas”, salientou.

Já o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Fux, ressaltou que os Poderes não devem extrapolar as suas funções. “O Brasil independente pressupõe uma magistratura independente e um regime político em que todos os cidadãos gozem de igualdade de chances, usufruam de todas as liberdades constitucionais e os poderes restrinjam o seu exercício em nome do povo e para o povo”, afirmou.

Último a discursar, o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, pediu para o Brasil continuar a ser uma “pátria de liberdade, de democracia, de justiça, de sonho, de esperança, de reinvenção ilimitada, potência universal”. “Nós, portugueses, amamos profundamente o Brasil e em vós, brasileiros, essa alma enleante, indomável, tenazmente obstinada, que vos faz diferentes, que vos faz irrepetíveis na humanidade”, observou.

Caberia a Bolsonaro encerrar a solenidade, mas o presidente cancelou, minutos antes do início, a ida à sessão. Ele deu prioridade a conversar com crianças e aliados no Palácio da Alvorada.

Edilson Rodrigues/Agência Senado



Fux, Sousa, Pacheco e Lira: defesa das eleições, pelas quais o cidadão contribui para a construção da democracia

Fux se despede e ressalta resistência

No discurso de despedida da presidência do Supremo Tribunal Federal (STF), o ministro Luiz Fux afirmou que, nos dois últimos anos, a Corte foi alvo de “severos ataques em tons jamais vistos”. Fux evitou citar o presidente Jair Bolsonaro (PL), crítico contumaz de ministros do STF durante esse período.

Fux mencionou que um “golpe do destino” o fez chefiar o Poder Judiciário “num dos momentos mais trágicos e turbulento de nossa trajetória recente”. “Não bastasse a pandemia, nos últimos dois anos, a Corte

e seus membros sofreram severos ataques em tons e atitudes jamais vistos na história do país. Não houve um dia sequer em que a legitimidade de nossas decisões não tenha sido questionada, seja por palavras hostis, seja por atos antidemocráticos”, lembrou.

A gestão Fux foi marcada pelas crises com Bolsonaro, que elegeu os ministros do STF como alvos. Nos últimos dois anos, o presidente centrou ataques em membros da Corte como Luís Roberto Barroso, Edson Fachin e, principalmente,

Alexandre de Moraes. Em momentos mais tensos, Fux chegou a ser cobrado por Bolsonaro — como no feriado de 7 de Setembro de 2021, quando exigiu que o ministro “enquadrasse” Moraes para que a Corte não sofresse as consequências.

Fux disse, ainda, que, “mesmo em face das provocações mais lamentáveis”, o STF “jamais deixou de trabalhar altivamente, impermeável às provocações, para que a Constituição permanecesse como a certeza primeira do cidadão brasileiro”.

“Daqui a algumas décadas,



“Como estamos em um processo eleitoral, as manifestações (eleitorais e cívicas no 7 de Setembro) se misturam. Essa separação precisa ser muito clara. Essa data não pertence a um grupo ou a um candidato, mas a todos os brasileiros”

Rodrigo Pacheco,
presidente do Senado

tenho a convicção de que as nossas e as próximas gerações, mais distancadas das paixões que inebriam os nossos dias, olharão para trás e reconhecerão a atuação do Poder Judiciário em prol da estabilidade institucional da nação, da proteção dos direitos humanos e da guarda da democracia”, ressaltou.

Fux passa o comando do STF para a ministra Rosa Weber, que toma posse na próxima segunda-feira, em cerimônia que reunirá lideranças políticas, como Bolsonaro e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.